

**Jorge Dantas Amorim**

## **É POSSÍVEL CONHECER A VERDADE?**

É importante deixar claro que este texto tratará do problema da verdade a partir de uma abordagem filosófica, mais especificamente esta problemática será abordada no registro da teoria do conhecimento, que é, portanto, uma das áreas centrais do pensamento filosófico. O problema tratado é a possibilidade de se conhecer ou não, algo ou alguma coisa, verdadeiramente. Em especial esta problemática me incomoda – uso aqui o pronome em primeira pessoa do singular, pois, sendo um texto que aborda o ceticismo, creio que não poderia afirmar que é um problema que aflige outras pessoas – pois, após uma breve reflexão, observei a pluralidade de opiniões e conhecimentos. Constatei – mesmo previamente ao meu estudo – que até mesmo as teorias científicas que nos são ensinadas, na maioria das vezes, como algo imutável, mesmo estas, são por muitas vezes refutadas por novas explicações daquilo que acontece em nosso mundo.<sup>1</sup> Portanto, conclui que, ao menos para mim, era impossível encontrar através da reflexão ou até da experimentação, uma verdade que pudesse se sobrepor sobre todas as outras, foi quando fui apresentado ao registro cético do pensamento filosófico. Essa questão é, então, para mim, uma questão que – considerando esta possibilidade, é claro – necessita de uma resposta, mesmo que provisória, para que seja possível, ao meu olhar, ver a razão da busca do conhecimento sobre as coisas, pois, a princípio, pensei que tal busca me parecia um tanto ilógica. A partir desta problemática, duas correntes de pensamento se destacam: o Dogmatismo e o Ceticismo.

Partindo daí, suponho ser necessário explicar o que seriam essas duas correntes chamadas de dogmatismo e ceticismo, com as quais trabalharei para tratar o problema do conhecimento e da verdade. Começemos então, pelo dogmatismo.

O dogmatismo é tido como toda e qualquer doutrina que afirma a possibilidade de que o

---

<sup>1</sup> Uma das teorias, que foram refutadas, que podemos usar como exemplo é a teoria de Louis Pasteur sobre a Geração Espontânea.

homem possa conhecer a verdade, estando ela inserida em um contexto metafísico ou não. A verdade ou o dogma adquirido não poderia ser submetido a nenhum tipo de questionamento, ou ao menos, não poderia ser problematizada, seria desse modo, perfeita, absoluta, permitindo que o homem conhecesse a essência das coisas em si mesmas. Os dogmáticos, apesar do que se pensa, são chamados assim não porque não apresentam argumentos os quais, de certa forma, comprovam suas teses, pois estes o fazem de maneira, por vezes, muito convincente, mas são ditos dogmáticos pela precipitação que tiveram em afirmar a filosofia na qual se enquadram como capaz de exprimir a verdade mesma das coisas. Desse modo, dentro do registro do pensamento dogmático, seria possível conhecermos a essência das coisas em si mesmas, ou seja, uma verdade absoluta.

Já o ceticismo em muito se distancia do pensamento dogmático. Tendo em comum apenas, o fato de que os dois defendem um discurso racional. Este propõe a impossibilidade de adquirir uma verdade a qual não possa ser questionada, colocando que, ao invés de existir a Verdade, existem verdades.<sup>2</sup> Pois, considerando a divergência de opiniões dos homens, nunca se foi observado como poderíamos achar um consenso entre todas as opiniões – porque mesmo entre aqueles que são adeptos à mesma filosofia, encontram-se divergências, graças às diferentes interpretações dos dogmas que seguem – ou mesmo algo não fosse questionável. O pensamento cético teve início a partir da verificação de que em muito, as opiniões dos homens divergiam, impossibilitando um único consenso entre elas. Portanto, concluiu-se a partir disso, que a verdade se trata de algo particular, podendo ser até comum de um determinado grupo da sociedade, mas dificilmente sendo algo que possa ser colocado como único a todos.<sup>3</sup>

Entretanto, o cético não afirma a impossibilidade de se adquirir a verdade através da filosofia especulativa, pois tal afirmação se tornaria, por sua vez, também uma tese dogmática. Por este motivo foi criado o que eles chamaram de *Epoché* ou Suspensão do Juízo, e a partir desta, o cético confessa não ser capaz de demonstrar a impossibilidade da metafísica em, por assim dizer, comprovar uma verdade única, mas por outro lado, declara sua própria impossibilidade de se deixar persuadir pelos dogmas de tais filosofias. Ele não vê como e nem

---

<sup>2</sup> Vale lembrar que não ignoro o falseacionismo de Popper como referencial teórico para abordar o problema levantado, entretanto, não o utilizarei durante este texto.

porquê aceitá-las, assim como não tem como refutá-las totalmente. Por consequência ele simplesmente suspende o juízo,<sup>4</sup> não se deixando abater pela incapacidade de obter a Verdade, mas procurando-a, sem se deixar ser contaminado completamente pelo dogma, sempre se dizendo como pesquisador da verdade, mas não como detentor desta. Segundo Porchat, o cético é aquele que, mesmo quando se deparou com doutrinas que se diziam capazes de exprimir a Verdade, o Real, durante sua busca filosófica, não viu como seria possível nestas confiar plenamente. Ele se vê como alguém que é incapaz de simplesmente aceitar uma só Verdade como absoluta. Mesmo no início quando buscava Fundamentos, Certezas, Princípios, graças a seu senso crítico, não via como seria possível continuar seu empreendimento filosófico inicial.

Acredito ser importante explicitar também que, ao contrário do que se pode pensar, o ceticismo não se posiciona como uma corrente filosófica empírica ou racionalista, sendo a primeira defensora de que o conhecimento tem origem na experiência e a outra, que o conhecimento precede a experiência, tendo como base, a razão – respectivamente; por isso o cético não se diz empirista ou racionalista, pois essas são por si só teorias dogmáticas, já que afirmam suas conclusões como verdade, excluindo outras maneiras de se conhecer as coisas. É certo que o cético, através de sua reflexão, vê o empirismo como uma corrente mais condizente com aquilo que conclui, pois este, assim como o empirista, não acredita ser possível encontrar a Verdade através exclusivamente da Razão (em sentido forte). No entanto, o ceticismo se diferencia do empirismo também, pois não exclui o Racionalismo como uma forma de conhecer algo, nem mesmo afirma que só se pode conhecer algo empiricamente. Portanto, entre estas duas posturas opostas o cético mantém o juízo suspenso.

Esclarecido isso, é preciso explicitar que tratarei a questão a partir do ceticismo clássico,

---

<sup>3</sup> Aqui também é necessário lembrar que não se trata de relativizar o conhecimento até que este inexistia, mas sim dizer que, até onde foi verificado, não é possível encontrar conhecimentos que possam se afirmar como universal.

<sup>4</sup> Esclarecendo que, com a suspensão, o cético busca apenas maior rigor para com sua pesquisa do conhecimento, mas nunca utilizando deste método para eximir-se das implicações éticas decorrentes de sua postura. Me arrisco à dizer que seja justamente ao contrário, pois, já que o cético propõe que não nos afirmemos como detentores da verdade absoluta, tal pensamento é decorre do pressuposto de que somos responsáveis por aquilo que afirmamos, sendo assim, o cético tenta ao máximo fundamentar seu discurso de forma racional e logicamente argumentada.

também chamado Pirrônico. O termo "Pirrônico" deriva do nome de Pirro de Élis, que seria uma figura patrona da doutrina cética. Por esse motivo, aqueles que se tornaram adeptos desta escola do pensamento chamavam-se de Pirrônicos. A partir destes conceitos terei como base principal os textos: *O conflito das filosofias* e *Ainda é preciso ser cético?* de Oswaldo Porchat Pereira.

Em *O conflito das filosofias* o autor coloca que, entre os homens, desde a antiguidade, encontravam-se sempre divergências entre suas opiniões, nunca chegando a um consenso. Ele cita Protágoras, que dentre os filósofos, diz ser o primeiro a se aprofundar nessa questão, sendo assim, o pioneiro do pensamento cético. Este ainda diz que, para além do período clássico do pensamento, essa divergência de verdades pode ser observada em toda a história da filosofia, havendo sempre esse conflito entre as filosofias dogmáticas e céticas. O autor ainda cita Protágoras brevemente, que dizia:

Eu afirmo que a Verdade é tal como a escrevi: cada um de nós é medida das coisas que são e das coisas que não são, de mil modos entretanto um do outro diferindo, por isto mesmo que, para um, umas coisas são e parece, mas outras, para outro (PORCHAT, 1981, p. 9)

Por isso, o autor sugere que, a partir da suposição de que as verdades são particulares, assim não podendo nunca se tornarem uma verdade universal; o autor nos diz que mais apropriado seria a nós falarmos de verdades, ao invés de uma verdade, que se pudesse dizer absoluta. No entanto, para o cético, é importante que busquemos a verdade, como algo particular, mas sempre tendo em mente que é improvável que encontremos uma verdade que refute todas as outras, sendo assim única para todos, embora este não possa totalmente excluir essa possibilidade também, é claro.

Prosseguindo, tratarei da questão do *lógos*. Uma das formas de se compreender o que os gregos chamavam de *lógos*, é entendê-lo simplesmente como a Razão – que é para o homem o referencial do qual retira seus conceitos, concepções, fundamentos e etc – aqui entendida como a Verdade. Representada ao longo da história, muitas vezes, por um ser superior que tudo conhece, como Deus no caso das religiões – pois, segundo as religiões, o deus ou deuses aos quais seguem são fonte da Razão, só sendo possível a nós a alcançarmos, seguindo os dogmas da religião que o tem como detentor da Verdade.

Tomemos como exemplo, neste ponto, a teoria das ideias de Platão. Para o filósofo

clássico, nosso mundo poderia ser dividido em duas partes: o mundo inteligível e o mundo sensível. O primeiro destes seria aonde permanecem as ideias, perfeitas, as quais seriam imutáveis. Já no mundo sensível, ficaríamos nós, seres imperfeitos, e tudo o que compõe nossa realidade em si, que seria uma cópia imperfeita das ideias do plano inteligível. Por exemplo, as flores, mesmo que as consideremos muito belas, segundo a teoria de Platão, seriam uma cópia imperfeita de um conceito perfeito de flor, estando mais ou menos, próximo do "projeto original". Retomemos a religião, especificamente o Cristianismo, que pode ser usado como um exemplo muito mais próximo de nosso cotidiano, graças a sua grande influência em nossa sociedade. Tratando-se de uma concepção dogmática de mundo, possui suas verdades pautadas no Livro Sagrado, estas sendo sempre inquestionáveis e imutáveis, já que foram (se é que posso usar esse termo) ditadas pelo próprio Deus, um ser que-segundo a religião- transcende a experiência sensível, é perfeito, e que, portanto, representa a Verdade. Por fim, essas duas filosofias dogmáticas tem em comum o conceito de que tudo deriva de algo que é perfeito, sendo, no caso do Cristianismo, Deus, e no caso de Platão, o mundo inteligível, e que garantem desse modo a Verdade.

Mas nesse ponto, o autor diz, em seu texto *Ainda é preciso ser cético?*, que essa característica de se dizer detentor da Verdade está, quase que de forma obrigatória, em todas as filosofias, pois estas excluem as opiniões das outras, dizendo sempre serem as únicas capazes de exprimir a verdade das coisas em si mesmas. Acredito que esse raciocínio é realmente muito lógico, pois, assim permitindo o questionamento do que se diz por certo ou errado, tal filosofia se tornaria inconstante, sendo assim, improvável que alguém a seguisse, já que ela poderia ser adaptada a qualquer ponto de vista, não estabelecendo parâmetros para se dizer o que se deve ou não fazer ou acreditar – inclusive igualando-se ao pensamento cético. Portanto, me parece mais lógico, que os dogmáticos se digam possuidores da verdade, e também, não permitam que seus dogmas sejam questionados, e os julguem essenciais para a vida, tendo como resultado seguidores que não se subverterão ao pensar ou refletir sobre tais doutrinas.

Agora, voltando ao *lógos*, falarei de como o cético trata especificamente esta questão. Segundo o autor, a intenção do cético seria, principalmente, livrar a todos da alienação dogmática, e para isso, tinha como uma parte importante desse processo, a humanização do *lógos* ou da Razão. Pois o cético, ao contrário do dogmático, não tenta transcender o fenômeno – esta

palavra sendo usada no sentido de que o fenômeno é aquilo que nos aparece na vida cotidiana – voltando sua pesquisa e seu percurso filosófico ao longo da vida para tratar especificamente os problemas dos homens, e tentar ao máximo resolvê-los, mesmo que de forma provisória. O cético, portanto, vê o *lógos* como um discurso racional, baseado em pesquisas científicas realizadas através dos tempos. Tomemos como exemplo, um fenômeno simples como a chuva, um dogmático certamente poderia tentar entendê-la através daquilo que sua filosofia diz, tentando encontrar algum tipo de evidência transcendente para explicar tal fenômeno. Já o cético, através da ciência, explicaria como e porque chove, e todo o processo que ocorre na natureza para que isso aconteça. No entanto este não afirmaria que sua tese exclui todas as outras permanentemente, apenas colocaria esta como uma melhor explicação para o fenômeno em questão, até que outra teoria pudesse refutá-la, com o propósito de obter, cada vez mais, melhores explicações sobre aquilo que nos aparece. Tais pesquisas, sobre os fenômenos de nossa vida, seriam voltadas exclusivamente para o mundo dos homens, sem nenhuma tentativa de transcender aquilo que se pode obter pela experiência sensível. Portanto, o cético não vê como seria possível conhecer as coisas em si mesmas, pois nenhuma dentre todas as filosofias da história do pensamento foi capaz de impor dogmas que se justificassem absolutos. Os quais não poderiam sempre ser questionados, deixando por consequência, lacunas para que os céticos, defensores da vida comum e da razão como algo humano e não divino, explorassem tais brechas, deixando claro que, até onde se verificou, não é possível estabelecer uma única verdade para todos os seres vivos.

Por isso, ao conhecer essas duas correntes do pensamento filosófico e obter maior conhecimento sobre o que elas tratam, obtive conclusões para resolver, mesmo que provisoriamente, a problemática da qual falei no início deste texto. Concluí que, sim, é possível obter um real, mas não eterno, conhecimento. E isso, por fim, devido aos benefícios que pode trazer para o ser humano, pesquisar, estudar e procurar entender e conhecer o mundo à nossa volta, é visto, ao menos por mim, como algo benéfico, no sentido de que com tais conhecimentos podemos facilitar nossa vida. No entanto, não me parece interessante a nenhum de nós afirmar a posse da Verdade de nada, já que, mesmo após algumas poucas reflexões feitas com um mínimo de senso crítico, é possível obter diversas concepções sobre o mesmo assunto ou fenômeno, podendo ser cada uma delas igualmente persuasivas. Portanto, creio que o interessante a fazermos é buscar um conhecimento que nos traga algum tipo de benefício, utilidade ou que nos seja

necessário, e sempre que possível, aperfeiçoa-lo para que nosso entendimento se amplie cada vez mais, sempre se adaptando às nossas condições. Sem procurar sempre possuir e expressar a verdade sobre o que nos cerca, e assim, sem nos dizermos mais ou menos capazes de conhecer as verdades mesmas das coisas diante das outras pessoas. Penso que é sempre importante a reflexão, o filosofar, sobre as questões com as quais nos deparamos, pois, se nos considerarmos capazes de exprimir a verdade das coisas, nos privaríamos da reflexão, sendo assim, viríamos a vida cotidiana apenas dos pontos de vistas que nos são convenientes, recaindo na visão de senso comum. Isso poderia resultar na discriminação daquilo que se diverge do que pensamos ser certo, não abrindo espaço para a pluralidade de opiniões e conhecimentos e diversidades de pensamento de nossos semelhantes, tornando a convivência entre nós mesmos ainda mais complicada e delicada. Sendo assim, penso ser mais interessante aderir ao pensamento cético, mesmo que de forma provisória, nos permitindo sempre obter novos entendimentos e concepções sobre o que nos envolve, sem nos fecharmos à apenas nossas verdades sobre o mundo.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora ática, 2007. 13ª Ed.

COMTE-SPONVILLE, André. *Apresentação da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PORCHAT, Oswaldo. *O Conflito das filosofias*. In: *A filosofia e a visão comum do mundo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. *Ainda é preciso ser cético?* In: *Discurso n. 32*. São Paulo: discurso editorial, 2001. Pp. 9-30.